

## **A QUESTÃO CIDADE/CAMPO EM CATALÃO-GO: UMA LEITURA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOS ATINGIDOS PELA BARRAGEM SERRA DO FACÃO – RIO SÃO MARCOS**

**Pedro Ricardo Reis Filho – UFG/CAC**  
[pedroricardoreis@yahoo.com.br](mailto:pedroricardoreis@yahoo.com.br)

**Jaqueline Vaz da Silva – UFG/CAC**  
[jaquelinegeo@bol.com.br](mailto:jaquelinegeo@bol.com.br)

**Helena Angélica de Mesquita – UFG/CAC**  
[helena@wgo.com.br](mailto:helena@wgo.com.br)

### **Introdução**

Este texto é um desdobramento do projeto de pesquisa “Expropriados da Barragem AHE Serra do Facão – Rio São Marcos: uma trajetória de incertezas” que vem sendo desenvolvido desde 2002 e tem como objetivo acompanhar o processo de implantação da referida barragem, no sudeste goiano. A proposta desse texto é fazer uma análise da questão cidade/campo, considerando as experiências dos camponeses do vale do Rio São Marcos, cuja trajetória de vida é incerta, visto que estão ameaçados de serem expulsos de suas terras pela construção de uma barragem para aproveitamento hidrelétrico (AHE). O texto é composto de três partes, a primeira é um pequeno histórico da cidade de Catalão, a segunda trata da questão cidade/campo e a modernização da agricultura no Município e a terceira parte é a relação cidade/campo em Catalão a partir da experiência dos atingidos pela barragem Serra do Facão.

### **Algumas considerações acerca de Catalão**

A questão cidade/campo no Brasil sofreu modificações relevantes desde a década de 1940 com o processo de migração da população do campo para a cidade. O processo de urbanização se intensificou na década de 1970 em diante como consequência da modernização da agricultura, que se expandiu, especialmente, nas áreas de cerrado, expulsando milhões de camponeses de suas terras. O município de Catalão está localizado em plena área de cerrado no sudeste do Estado de Goiás, e tanto a cidade como o Estado conheceram esse processo de modernização.

Segundo LIMA (2003,48), PEDROSA (2001,31), MENDES (2001,57) a origem da cidade de Catalão está ligada a Entradas e Bandeiras, com o movimento de interiorização realizado em meados do século XVIII, que tinha como objetivo a captura de mão-de-obra indígena e a busca de metais preciosos. Catalão se desenvolveu lentamente, constituindo um ponto de pouso para as comitivas desde 1736, e somente em 1859 foi elevada à categoria de Cidade.

Os autores citados acima também afirmam que a cidade de Catalão, como tantas outras do interior goiano e brasileiro, passou ao longo do tempo, por períodos de estagnação e outros de grandes impulsos

na economia apresentando ciclos de “desenvolvimento”, condicionados pelos investimentos do Estado, a necessidade e o movimento do capital.

Em 1912, com a inauguração da Estrada de Ferro que liga Goiás, Minas e São Paulo, Catalão passou a escoar e receber mercadorias mais rapidamente, com menos custos, isso fez com que a produção fosse mais barata e possibilitou o contato com outros mercados, e sobretudo, dinamizou a economia regional.

...A Estrada de Ferro de Goiás permitiu inserir o estado na economia nacional, sendo um agente modernizador que possibilitou o crescimento e desenvolvimento das cidades do sul e permitiu a diversificação da economia goiana, ao favorecer a exportação de produtos agrícolas como arroz, milho e algodão, além de outros como o charque, a banha e bovinos em pé... (GOMES, 1991, p.33).

Já na década 1940 ocorreu a construção de Goiânia, a nova capital do Estado de Goiás. Houve então o (re)ordenamento do território goiano e o eixo da economia de Goiás passou a ser constituído entre a capital e a cidade de Anápolis, que despontava como importante pólo econômico. Catalão e outras cidades do sul sofreram um processo de arrefecimento e entraram em um ciclo de depressão econômica. A construção de Brasília na década de 1950, foi então outro momento dinâmico para o município. Como BUENO explica:

... a construção de Brasília, no final dos anos 50, também contribuiu significativamente para mudar o perfil econômico e social do meio urbano e rural no Estado. (BUENO, 2000, p. 82).

Com o surgimento de Brasília, foram construídas muitas vias de comunicação ligando a nova capital a muitos pontos no país, com destaque para a BR-050. Essa rodovia liga São Paulo a Brasília, passando por grandes centros como Campinas e Ribeirão Preto no Estado de São Paulo, Uberaba e Uberlândia no Triângulo Mineiro, passando por Catalão, multiplicando os fluxos de pessoas e mercadorias.

As décadas de 1970/80 foram marcadas por profundo processo de transferência de população do campo para a cidade, impulsionando pela modernização da agricultura, que gerou um brutal êxodo rural e Catalão não foge ao padrão geral do país, como mostra a tabela abaixo.

Catalão-GO: Evolução da População -1960-2000 (anos selecionados)

| Ano  | Pop. urbana | Pop. rural | Pop. Total |
|------|-------------|------------|------------|
| 1960 | 11.634      | 14.464     | 26.980     |
| 1970 | 12.338      | 13.983     | 27.390     |
| 1980 | 30.695      | 8.473      | 39.168     |
| 1990 | 47.123      | 7.363      | 59.486     |
| 2000 | 57.560      | 6.730      | 64.290     |

Fonte: IBGE - Censos Demográficos (GO) – 1960-2000.

Org: Matos, P. F., 2004.

Se em todo o país a dinâmica de população foi alterada pelo avanço da modernização no campo, em Catalão, embora os números reproduzam a tendência de país, o processo não aconteceu no mesmo momento, pois a modernização no campo só ocorreu a partir de 1980. O fato que influenciou a dinâmica da população de Catalão no período 1970 a 1990 foi a implantação das empresas mineradoras no município.

Com a implantação de empresas mineradoras na década de 1970, iniciaram-se as atividades de lavra de minérios altamente valorizados no mercado nacional e internacional. A Mineração Catalão, produzindo nióbio a partir do mineral piro-cloro, a Goiás-Fértil (atualmente Fosfértil) e a Copebrás que extraem a rocha Fosfática, utilizando na produção de fertilizantes. Estas empresas mineradoras funcionaram como um fator de atração da população rural do próprio município e de outras regiões do país ao oferecer uma grande quantidade de empregos.

Sobre esses acontecimentos em Catalão PEDROSA destaca:

... subsidiada por investimentos federais e no auge do milagre econômico iniciou-se as atividades minerárias, explorando, inicialmente, a rocha fosfática, que vem fornecendo matéria-prima para as indústrias de adubos situadas em São Paulo. Posteriormente, instalou-se mais duas unidades mineradoras, uma para explorar também a rocha fosfática e outra do mesmo grupo desta, Anglo-American, para explorar o piro-cloro que da origem a liga metálica de nióbio, para a exportação.  
(PEDROSA, 2001, p.37)

Como se pode perceber são empresas multinacionais, com alto poder concentrador de renda, e em princípio, geradoras de muitos empregos. Esses fatores alteraram a economia local, trazendo importantes mudanças na malha urbana da cidade de Catalão. Durante o período de implementação das mineradoras, na cidade de Catalão a malha urbana cresceu se expandindo por áreas rurais. A cidade recebeu trabalhadores de todo o Brasil.

O movimento de população do campo para a cidade em Catalão sofreu um arrefecimento no período 1980/90, como evidencia a tabela, no entanto a população geral do município aumentou mostrando que a cidade teve elementos de atração para pessoas de outras regiões do país, visto que o número de pessoas que saíram do campo é muito menor que o que foi acrescido no setor urbano.

Foi no início da década de 1980 que a mineração em Catalão alcançou seu auge, mostrado pelo aumento demográfico, como podemos notar nos dados da tabela acima, a população urbana teve um rápido crescimento. Entretanto, isso mudou depois de alguns anos, quando a empresa Goiás-Fértil foi privatizada. As empresas de mineração empregavam mais de três mil funcionários e passaram a empregar no início da década de 1990, apenas 1,3 mil trabalhadores, além de realizar uma redução drástica dos salários desses trabalhadores (PEDROSA 2001, p. 38). Isso marcou a economia local e provocou outro impacto, então Catalão passou por uma recessão, confirmando o que os autores já tinham chamado de “ciclos de desenvolvimento”, alternados com os de recessão.

A tabela mostra um arrefecimento na migração e inclusive a expectativa de crescimento urbano para a década de 1990 foi frustrada. A expectativa era que a população local chegaria a mais de 70.000 na década de 1990 e início de 2000, mas como mostra a tabela isso não se concretizou.

Enquanto isso, em várias áreas do Cerrado do Brasil o processo de modernização da Agricultura se intensificava, aumentando a concentração fundiária e expulsando populações do campo.

Em Catalão a modernização da agricultura tem algumas particularidades, em relação a outras áreas de cerrado. A modernização se iniciou na década de 1980, ocupando a região de chapada, cujas terras eram utilizadas para pastagens extensivas. Até então, o chapadão era considerado “imprestável” para o cultivo em grande escala. Então, a ocupação da chapada pela agricultura modernizada, altamente concentradora de terras e de rendas, acabou “empurrando” os pequenos agricultores para as áreas de relevo “enrugado” e para os vales dos rios, especialmente na região do rio São Marcos, onde já praticavam a agricultura de subsistência e criação de gado.

Como foi ressaltado, Catalão teve ciclos de “desenvolvimento”, e o final da década de 1990 representou um novo surto de investimentos no município. Goiás e Catalão estão dentro do processo de descentralização industrial e se “beneficiaram” com a “guerra fiscal” que marcou a política brasileira na década de 1990 e promoveu a reorganização do território. Em Catalão foram instaladas muitas empresas, com destaque para Mitsubishi, a Cameco (Jonh Deere) e a verticalização das empresas mineradoras, cujos investimentos somam milhões de dólares, boa parte deles são oriundos dos cofres públicos. É um momento de grande “desenvolvimento”, como por exemplo, a arrecadação de ICMS (Imposto sobre circulação de mercadorias e prestação de serviços) do município de Catalão saltou de 14, 4 milhões em 1998, para 122,4 milhões em 2004. (dados da SEFAZ – Secretaria da Fazenda do Estado de Goiás)

### **A questão campo/cidade e a modernização da agricultura**

Segundo MESQUITA a ocupação do sudeste goiano, particularmente Catalão, segue o padrão de todo Centro-Oeste. São empresários oriundos do sul do país, que desloca para as áreas de cerrado para expansão das atividades agropecuárias.

... outro segmento que se desloca é o dos empresários bem sucedidos. Esses, após ver esgotar suas possibilidades de expansão no lugar de origem, estão aptos a “ocupar” outras áreas onde as terras são mais baratas e onde podem expandir seus empreendimentos. Normalmente tais empresários dispõem de vultuoso capital financeiro e *know how* aliados a uma legislação agrária e agrícola que incentiva e privilegia a grande produção, principalmente a destinada a exportação. ( Mesquita (1993 p.28e 29)

No sudeste de Goiás existe um extenso chapadão, que ocupa boa parte do nordeste do município de Catalão e além da planura topográfica a área é muito bem irrigada e abriga as nascentes dos principais

cursos d'água da região. Essa abundância de água que abastece as dezenas de pivôs centrais que se espalha pelo chapadão.

Antes da chegada modernização, os proprietários das áreas de chapadas usavam a terra para pastagens nativas, especialmente durante a estação seca. Para que os latossolos do cerrado passassem a produzir em escala comercial foram necessários grandes investimentos em “corretivos” do solo, insumos, técnica para manejo do solo e estradas.

Mesquita (1993 p.4 e 5) ilustra este processo ao registrar a fala de um ex-proprietário do chapadão.

De primeiro aqui num tinha cerca  
o gado era criado sôrto, num tinha lavoura...

A gente achava que as terra  
era fraca, num prestava pá lavoura...  
mais parece que nós se inganô...  
Hoje é cada baita de lavoura!  
È ua lindeza! Dá gosto!  
O povo que vei de fora deu jeito nas terra...

Teve gente aqui que pelejo pá fazê roça...  
Num dava prudução, marelava tudo.  
Aí largava tudo e  
fazia as roça só nas quebrada.  
O chapadão ficava pru gado.

Quando os gaúcho vei  
e quizero comprá as terra,  
a gente vendeu o chapadão  
e fiquemo c'as terra das quebrada.  
Vendemo as terra quais de graça.  
As terra do chapadão  
num tinha sirvintia pra nós

Nóis num sabia que virava isso...  
Mais eles tivero que gastá muito,  
muito dinheiro, num foi pôco.  
Gasto cum adubo, máquina,  
até pô tudo do jeito que tá.  
Gastaro muito dinheiro e muito sirviço.  
Gastaro muito e isso ninguém  
daqui tinha cundição.

O texto acima, transformado em poema ilustra, com clareza, os efeitos que o processo de modernização teve sobre o ambiente e sobre as pessoas.

Está claro que o ex-morador do chapadão, um senhor de 83 anos não se enganou, o que ele não tem é a mentalidade capitalista que enxerga o cerrado não como um importante bioma a ser preservado, mas o *locus* de reprodução ampliada de capital. O mito de que a agricultura modernizada é geradora de alimentos é facilmente desconstruído, basta ver os números do IBGE. As pequenas e medias propriedades são responsáveis pela produção de: 85% do algodão, 81,6% do arroz, 95,4% do feijão,

78,2% da carne bovina, 98,1%, do leite, entre outros produtos. (dados do Censo Agropecuário do IBGE 1995/6, organizados por Ariovaldo Umbelino de Oliveira, prof. da Universidade de São Paulo-USP).

Então são estes pequenos e médios produtores, contando com os que serão atingidos pela barragem, os responsáveis pela produção dos alimentos que estão na mesa da população catalana, portanto, a construção das barragens causará muitos problemas rurais e urbanos, de ordem social, ambiental e econômica.

MESQUITA destaca as mudanças ocorridas na área urbana de Catalão em consequência da modernização do campo.

O espaço urbano ganha, dentro desse contexto, uma nova configuração com o surgimento de vários bairros periféricos e a valorização de muitas áreas, incentivada pela especulação imobiliária. A malha urbana se estende de forma irregular e são evidenciados os espaços de segregação. São bairros nobres com terrenos super valorizados e a população despossuída é empurrada para longe do centro econômico da cidade, criando as vilas que não possuem equipamentos urbanos como esgotos, energia elétrica e mesmo asfalto ou quaisquer outros tipos de benefícios de centros urbanos. (MESQUITA 1993. p. 30)

Dentro desse contexto pode-se destacar a implantação de empresas relacionadas ao setor agropecuário como de insumos, fertilizantes, equipamentos agrícolas, tratores, assistência técnica, sementes, armazenagem, pulverização aérea, compra e transporte de grãos, e ainda escritórios das unidades produtivas. Há uma diversificação das atividades urbanas, em consequência da alta tecnologia do campo, enquanto no campo, as áreas planas do cerrado são ocupadas pelos “mares de soja” os camponeses se refugiam nas áreas de relevo mais enrugado e nos vales dos muitos rios. Esses vales, então, são o refúgio do que resta de Cerrado nativo e dos povos cerradeiros.

### **Os atingidos pela barragem Serra do Facão e a questão cidade/campo**

A proposta de construção de cerca de 80 barragens para Aproveitamento Hidrelétrico (AHE) no estado de Goiás, vai trazer alterações significativas na relação cidade/campo. Haja vista que é nos vales dos rios e nas áreas de relevo “enrugado” que se refugia o que resta de cerrado e de populações cerradeiras responsáveis pela preservação do cerrado enquanto bioma e também por grande parte dos produtos da cesta básica. Os extensos chapadões estão ocupados com “mares” de soja, ou “mares de bois”.

Em Catalão o modelo se reproduz. As áreas dos chapadões são *locus* do agronegócio e hoje os governantes subservientes ao grande capital expandiram o hidronegócio também reproduzindo e fortalecendo o processo de exploração sobre a natureza e a sociedade.

Os vales do São Marcos, São Bento, rio Verde, Veríssimo, até então reservas de Cerrado e cerradeiros correm o risco de extinção com as propostas de barramentos para produção de energia.

A região de Catalão passa por um novo processo de mudança da relação cidade/campo, isto é, os moradores do vale do Rio São Marcos, cerca de 400 famílias, estão ameaçados de perder suas terras, caso a barragem Serra do Facão seja construída, pois serão forçados a migrar para as cidades próximas ou para outras regiões, isso poderia potencializar os já graves problemas urbanos.

SANTOS destaca a consequência da expulsão dos moradores de sua área de origem.

A tendência a “desculturalização” da área, na medida em que a substituição das pessoas, alteração dos equilíbrios sociais de poder a introdução de novas formas de fazer...

Para os que saem, a situação é mais dramática porque são deslocados de uma posição social, política ou empregatícia cuja estabilidade se criou através do tempo (e até mesmo por herança) e cuja existência tinha uma certa comunhão com as condições da área á qual estava intimamente ligados e de onde se vêem, de uma hora para outra, obrigados a um êxodo que os põe diante de um novo espaço, uma nova economia, uma nova sociedade, onde vão ter grande dificuldade para desempenhar um papel novo. (SANTOS, 1988 p. 46)

Complementando o autor, temos a fala de um atingido pela barragem Serra do Facão, demonstrando a humilhação e a preocupação com o futuro incerto.

“Diante dessa barragem eu sinto muito humilhado, sabe! Porque eu fui criado sem futuro, não tinha nada. Não tinha uma fruta para comer, não tinha uma laranja, uma banana, uma manga. Fui criado sem fruta. Hoje eu tenho, consegui com meu suor, certo? Agora vem gente não sei de onde e vem me tomar minhas terras. Eu sinto muito humilhado!

Ah! Já pensei demais e eu tenho medo de não conseguir outra terra pra plantar igual eu planto aqui. Tê o sossego daqui. Aqui a gente pode sai, largar a porta aberta não precisa chave. Aqui o povo é tudo gente boa. Aqui é tranqüilo, nós tem tudo aqui, nós só compramos o açúcar e o café, o resto produz tudo aqui mesmo”. (D. F. S. Camponês atingido pela barragem Serra do Facão. Entrevista, maio de 2003)

Com a incerteza do futuro, a população expropriada poderá vir para as periferias da cidade, saindo da condição de produtores e sendo reduzidos a meros consumidores. Estes exímios trabalhadores da roça, na cidade serão considerados “despreparados” e “desqualificados” para disputar os escassos empregos urbanos. Dessa forma, será difícil os camponeses terem boas condições de vida na cidade, por isso muitos vão engrossar os movimentos sociais em luta pela terra.

Mesmo se os camponeses atingidos pela barragem Serra do Facão forem ressarcidos economicamente e puderem adquirir outras terras, será preciso esperar, no mínimo cinco anos para alcançarem a condição que tem hoje. Sabemos que um pomar com plantas crioulas, como é a maioria dos pomares do vale São Marcos, levará um longo tempo para que as árvores frutíferas comecem a produzir. Romanzeiros, mangueiras, laranjeiras, bananeiras, cajueiros, mamoeiros precisam de tempo. Como estas famílias viverão enquanto aguardam? Além perderem as roças, os pomares, as hortas, também perderão as raízes sociais, com o rompimento de teias culturais construídas ao longo de gerações.

No caso da barragem Serra do Facão, até mesmo a ameaça de sua construção provocou transtornos, e já gerou vítimas. Em uma pesquisa realizada no período de 2004/2005 que procurava localizar as famílias que já haviam sido removidas do vale do Rio São Marcos, encontramos a viúva do Sr. Célio Carapina, a senhora Divina que comentou:

... Meu marido foi à primeira vítima dessa barragem. A barragem o matou, ele não queria sair daquele lugar, ele preferiu morrer a sair dali...

...Nois não tinha a intenção de mudá de lá e depois que surgiu a questão dessa barragem o meu marido ficou desgostoso, foi adoecendo, ficando triste, até que viu que precisava mudar, mas antes de mudar ele veio a sofrer um infarto e morreu...

(Depoimento da Sra. Divina, viúva de Célio Carapina, 06/01/2004). Célio Carapina faleceu em 2002 aos 62 anos.

Se hoje a relação dos moradores do vale rio São Marcos com a “cidade” é de intercâmbios, com a construção da barragem interromperá esse movimento e tanto o campo quanto a cidade serão afetados por tais mudanças.

### **Mais algumas considerações**

Esse projeto é um estudo de caso, e como método de pesquisa, permite o aprofundamento em algumas questões, promovendo uma maior compreensão da realidade, visto que conhecer a área atingida pela barragem e a população que está sendo afetada, possibilita aprofundar a compreensão da questão cidade/campo. O caso desta barragem explicita e reproduz a experiência já vivida por mais de um milhão de pessoas, que segundo o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), já foi deslocado por construção de barragens para AHE. No caso de Serra do Facão serão cerca de 400 famílias atingidas e algumas já tiveram que deixar suas terras e migraram para a periferia de Catalão e estão vivendo em condições precárias, muito diferente do que quando viviam no campo. E o que é importante, é que no caso da barragem em questão, o movimento popular de resistência está ocorrendo antes do início das obras.

A experiência de acompanhar o processo de implantação de uma barragem para AHE tem se mostrado muito rica para os pesquisadores, tanto professores que tem contribuído com estudos e documentos que subsidiam o movimento, quanto para os alunos que se iniciam no universo da pesquisa, já introduzindo em um projeto com grande repercussão local, regional, nacional e até internacional. Hoje a luta contra barragem está presente em muitos países e o caso da Serra do Facão é emblemático.

Até o presente momento a construção da barragem está suspensa. Os atingidos e todas as entidades que os apóiam conseguiram, em parceria com o Ministério Público Federal ao entrar com duas ações civis pedindo a suspensão da LP (Licença previa) e a LI (Licença de Instalação), pois provaram, que o



EIA (Estudo de Impacto Ambiental) e o RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) estavam precário, não apresentando as condições reais da região.

Como a pesquisa está em andamento, portanto com resultados, apenas parciais espera-se que se possa conhecer melhor a realidade vivida pelas populações atingidas por barragens e especialmente os moradores do Vale do Rio São Marcos, que hoje lutam contra a construção da barragem, pois não querem que suas vidas continuem sendo uma trajetória de incertezas, mas que seja a busca da esperança de permanecer na terra plantando e colhendo com dignidade.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, S. A; MESQUITA, H. A. de. **Vozes sufocadas**: memórias, espacialidades e história dos moradores do vale do rio são marcos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6, Goiânia. 2004.

BOLETIM INFORMATIVO MAB **Serra do Facão**, Catalão – nº 02,06/2003. Catalão.

BRANCO, A. M. (org). **Política Energética e crise de desenvolvimento** – A antevisão de Castelo Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BUENO, E. de P. **A segregação sócio-espacial**: a (re) produção de espaços em Catalão – GO. 2000, Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Campus Rio Claro, Rio Claro.

CPT: **Fidelidade ao Deus dos pobres, a serviço dos povos da terra**. II Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra (14 á 18/ 04/2005 cidade de Goiás –GO) Goiânia-2005.

GOMES, P. A. **O Adormecer dos Dormentes**. 1991 Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão, Catalão.

LIMA, V. B. de. **Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás**: o estudo de Catalão (1970 -2000). 2003, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia, 2003.

MATOS, P. F. de. **O meio técnico-científico-informacional e a (re) organização do espaço agrário em Catalão (GO)** – 1980 a 2004, 2005, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia.

MENDES, E. de P. P. **A produção familiar em Catalão – GO**: comunidade coqueiro. 2001, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano.** 2004, Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente.

MESQUITA, H. A. de. **A modernização da agricultura.** Um caso em Catalão – Goiás. 1993, Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias), Universidade Federal de Goiás, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Goiânia

NASCIMENTO, A.C.; MESQUITA, H. A. de. **A opção energética brasileira:** ensaios sobre as transformações do trabalho no vale do Rio São Marcos – Sudeste Goiano. Anais do VI Congresso Brasileiro de Geógrafos, Goiânia. 2004.

ORTIZ, L. S. (org.) **Fontes alternativas de energia e eficiência energética:** opção para uma política energética sustentável no Brasil. Campo Grande: Coalizão Rios Vivos/ Fundação Heinrich BÖll, 2002

PEDROSA, L. E. **A apropriação do relevo urbano e suas implicações sócio-ambientais:** um estudo de caso em Catalão – GO. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia, Uberlândia.

PROJETO DE PESQUISA: Expropriados da Barragem da AHE Serra do Facão – rio São Marcos – Uma trajetória de incertezas. (mimeo) Coordenadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Helena Angélica de Mesquita. Registro da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFG. Nº 03060000122. (SAPP 2769).

REIS, M. J.; BLOEMER, N.M.S. (org.). **Hidrelétricas e populações locais.** Florianópolis: Cidade Futura – UFSC, 2001.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1998.

DOCUMENTÁRIO: A luta dos camponeses do vale rio São marcos contra a barragem Serra do Facão. Direção e produção: Helena Angélica de Mesquita. Edição: MS Produções/Catalão –GO. Duração 37m.